6 / CONTEXTOS



MOÇAMBIQUE, MARÇO 1974. FOTOGRAFIA MANUEL AGUIAR+IMAGENS

A GUERRA COLONIAL

No início da década de 1970, Portugal entrava no décimo ano de guerra nas três principais frentes coloniais. Nas matas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau milhares de jovens eram chamados a cumprir um «dever patriótico» do qual se sentiam cada vez mais distantes. Se o país estava cansado da guerra e da encenação anual do 10 de Junho, transmitida pela televisão, em que as mães, os pais, as mulheres e as noivas dos jovens mortos em combate eram condecorados a título póstumo, os jovens, em especial os mais escolarizados e com mais acesso à informação, estavam num processo acelerado de desafetação. O número de refratários e desertores engrossara a vaga de emigração económica das décadas anteriores. No final da guerra, somavam-se mais de 200 000 desertores, refratários e faltosos à inspeção.

Os cálculos e as expectativas de prosseguir ou não os estudos colocavam todos em contagem decrescente, mas

folha06.indd 1 13/05/2024 20:52



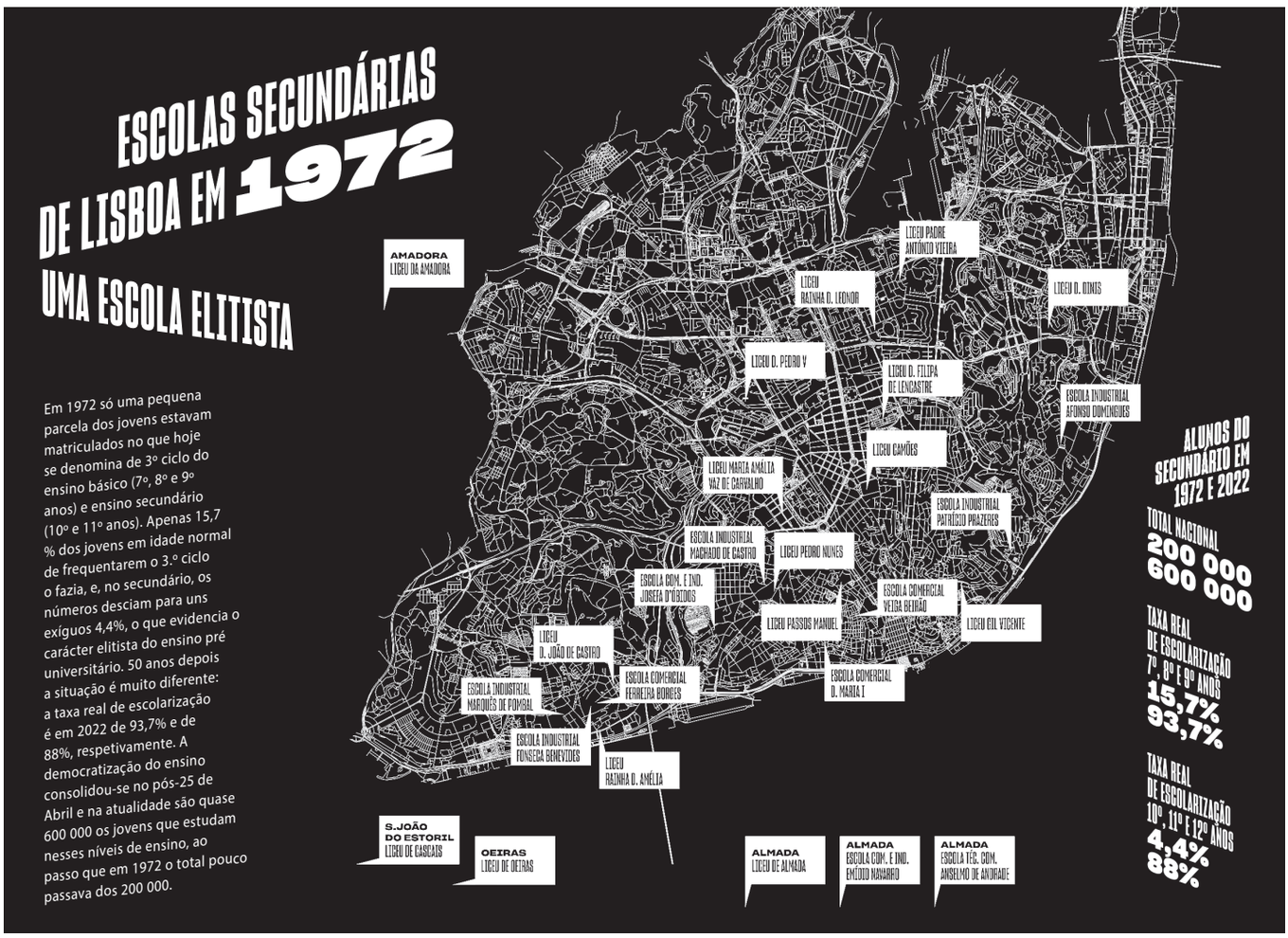
A PIDE COLA CARTAZES DO REGIME SOBRE OS CARTAZES DE APELO AO RECENSEAMENTO DA CDE, LISBOA, 1973.
ARQUIVO PESSOAL DE RITA AREOSA, AUTORIA DE AUGUSTO ROCHA SOARES

só uma minoria ia para a universidade e esse facto acelerava o processo de incorporação militar. O adiamento apenas era possível para quem prosseguisse estudos e obtivesse aproveitamento. O alargamento da base de recrutamento no ensino secundário ampliara também o efeito seletivo dos exames de aptidão para a universidade e, por conseguinte, muitos dos novos liceais passaram a viver com maior ansiedade o momento da inspeção e da mobilização para as matas africanas.

A EMANCIPAÇÃO GERACIONAL

Uma parte dos que se envolveram na luta contra a ditadura só havia chegado ao liceu porque entre 1960 e 1973 o número de estudantes do ensino secundário quase triplicara: dos poucos 46 060 alunos matriculados no ensino secundário oficial em 1960--1961, atinge-se os 123 095 em 1973--1974. Nos liceus, os números dos matriculados eram inferiores e não enganam quanto ao carácter elitista da

folha06.indd 2 13/05/2024 20:52

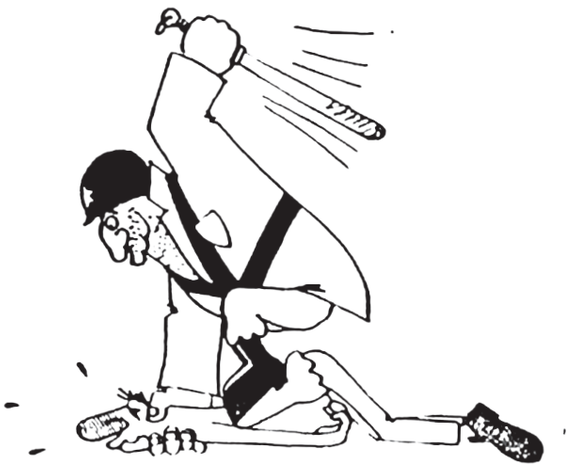


O ENSINO SECUNDÁRIO É O QUE HOJE SE DENOMINA 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO, OU SEJA DO 7.º AO 11º ANO, EM 1972, E ATÉ AO 12.º ANO, EM 2022. ASSINALAM-SE NO MAPA AS ESCOLAS DE LISBOA E ARREDORES EM QUE HAVIA MOVIMENTO ESTUDANTIL ORGANIZADO.

sua frequência. Em 1970 estavam matriculados 14 870 alunos e, embora três anos mais tarde se confirmasse um acentuado crescimento de 50%, apenas 22 994 alunos frequentavam esta fileira do ensino secundário. Trata-se do maior aumento deste contingente durante o Estado Novo, facto a que não são alheios a recomposição do tecido económico e social da ditadura e o crescimento das aspirações sociais e educativas de sectores mais alargados da população.

As recém-formadas aspirações sociais tiveram uma repercussão enorme nos filhos adolescentes que resolveram criar uma nova esfera pública em que pudessem expressar a sua autonomia. Aproveitando o aumento da concentração de jovens nas escolas secundárias, que por si só lhes dava uma nova visibilidade, acrescentaram-lhe o direito à emancipação geracional, o direito a falar por si e a partir de si e não por interpostas pessoas, fossem elas os pais ou os professores.

folha06.indd 3 13/05/2024 20:52



A aplicação da Reforma na Universidade...

A REFORMA VEIGA SIMÃO: MUDAR UM TANTO PARA QUE TUDO FIQUE NA MESMA

As propostas reformistas de Veiga Simão interpretam o objetivo de expansão da escolarização, do pré-escolar ao ensino superior, das correntes desenvolvimentistas e, simultaneamente, a continuidade do modelo de regulação social sem garantias mínimas de democracia formal.
O bloqueio do regime cristaliza na oposição entre uma tendência beneficiária da exploração de matérias-primas coloniais, do protecionismo económico e da legislação corporativa, e a tendência desenvolvimentista que defende a modernização, racionalização e concentração das estruturas produtivas internas no quadro de uma visão europeia e neocolonial das relações exteriores.
Apesar dos acréscimos da procura de educação, por força do alargamento do campo das expectativas sociais, se traduzirem em taxas de crescimento do ensino secundário muito superiores às das décadas anteriores, Portugal chega à década de 1970 com os mais baixos índices de escolarização europeus.
A escola socialmente segregada permanece, embora mitigada pelo tronco comum do novo ensino preparatório: os liceus destinam-se à burguesia e à nova pequena-burguesia em expansão; as escolas técnicas aos filhos da classe operária.
O autoritarismo repressivo do Estado Novo não cede, mantendo-se a impossibilidade de os estudantes participarem no governo escolar, agravando-se a militarização das escolas, o encerramento da quase totalidade das associações de estudantes, as prisões, a suspensão e a expulsão de centenas de estudantes e a incorporação de muitos deles no exército colonial.

CURADORIA E ORGANIZAÇÃO COLETIVO *QUE DIZ NÃO!*: RUI GOMES, MIGUEL MIRA, JORGE RAMOS DO Ó, JORGE SILVA, ANTÓNIO SALGUEIRO, RUI CARTAXO, RUI CAPÃO, IVONE RALHA E RITA AREOSA **CONCEÇÃO E INVESTIGAÇÃO DE FONTES HISTÓRICAS** RUI GOMES **TEXTOS** RUI GOMES, JORGE RAMOS DO Ó, RUI CARTAXO E ANTÓNIO SALGUEIRO **DESIGN** JORGE SILVA E IVONE RALHA **ARQUITETURA** MIGUEL MIRA **SERVIÇO EDUCATIVO** RITA AREOSA, RUI CAPÃO E JOSÉ CARLOS GOMES **VÍDEOS** OCTÁVIO ESPÍRITO SANTO, CATARINA ALVES COSTA E PEDRO MATEUS DUARTE **ÁUDIO E VOZ** MARTA FERNANDES **DIVULGAÇÃO E IMPRENSA** JOÃO RAMOS DE ALMEIDA (IMPRENSA) E CRISTINA REIS (CARTAZ) **IMPRESSÃO E MONTAGEM** ITSREADY **APOIOS** DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E DAS BIBLIOTECAS-ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, ARQUIVO DE HISTÓRIA SOCIAL-INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS-UNIVERSIDADE DE LISBOA, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO-UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO-UNIVERSIDADE DE LISBOA, CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS-UNIVERSIDADE DE COIMBRA, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL-UNIVERSIDADE DE COIMBRA, CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA **AGRADECIMENTOS** COMUNA TEATRO DE PESQUISA, MUP – MUSEU DA POLÍCIA, NÁPOLES PRODUÇÕES, VGO – VARIABLE GEOMETRY ORCHESTRA, ANTÓNIO MELO, BERNARDO VASCONCELOS E SOUSA, CARLOS SALTÃO, FRANCISCO VIEIRA, JOÃO FARIA, JOÃO ZILHÃO, JOAQUIM BIDARRA, JOSÉ MARQUES, MANUEL AGUIAR E PEDRO CALDEIRA RODRIGUES

folha06.indd 4 13/05/2024 20:52